

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE JORNALISMO

Ana Kézia de Andrade Carvalho

PARRESIA JORNALÍSTICA: Análise do Jornal Independente “O Corre Diário” e sua importância para a visibilidade e a resistência Quilombola no Estado do Piauí

SÃO PAULO - SP
2024

Trabalho de Conclusão de Curso referente ao processo de elaboração e produção do mini documentário “**Terra e Tradição: Quilombo Lagoas**”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Luiz Peron.

SÃO PAULO - SP

2024

*“Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.”*

***Antônio Bispo dos Santos “Nego Bispo” -
(in memoriam)***

SUMÁRIO

PARTE 1

MEMORIAL	6
-----------------------	----------

PARTE 2

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

1. OBJETIVO	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. METODOLOGIA	11
4. DESAFIOS	14
5. BREVE RESUMO SOBRE O QUILOMBO LAGOAS.....	16
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

AGRADECIMENTOS

Escrevo estas palavras ao som de *Bridge Over Troubled Water*, que, de alguma forma, traduz o caminho que percorri até aqui. Cada pessoa citada neste trabalho, e até algumas que não menciono diretamente, foram como pontes sobre águas turbulentas, me ajudaram a atravessar dias difíceis e

tornaram possível chegar a este momento. O dia de hoje é resultado de sonho coletivo, um esforço compartilhado, soma de sacrifícios e motivo de muita felicidade.

Sair do Piauí em busca do meu sonho de estudar como bolsista PUC-SP parecia algo distante, e hoje, concluir o curso contando sobre a força do meu estado, especialmente sobre a resistência do Quilombo Lagoas, supera todas as minhas expectativas.

Aos meus pais, Elzenir e José Carvalho, que foram meus primeiros professores e o alicerce sobre o qual construí cada passo desta jornada. Vocês se sacrificaram tanto para que eu pudesse ter o privilégio de focar apenas nos estudos, mesmo que tivesse sido a realidade de vocês. Permitiram que eu voasse e saísse de casa em busca dessa realização, sempre mantendo meus pés no chão. Sem o apoio de vocês, essa jornada teria sido impossível. Tê-los ao meu lado durante a gravação do meu TCC foi genuinamente especial, pois senti tanto a nossa distância ao longo desses anos, a perda do convívio diário...e pude recuperar de maneira tão significativa nesta etapa final da faculdade. Só nós sabemos das dificuldades que enfrentamos, dos dias em que achamos que esse sonho nunca se realizaria. Hoje, celebramos juntos as respostas das nossas orações.

Aos meus irmãos, Ezequias e Eula, sou eternamente grata por serem minha fonte de inspiração e apoio. Seus conselhos, a fé em meus sonhos, mesmo nos momentos de incerteza, me impulsionam a seguir em frente. Às minhas amigas do ensino médio, Thalyne, Viviane e Isabela, obrigada por serem uma constante na minha vida. Às minhas H&F, vivo sorrindo por causa de vocês!

Um agradecimento especial à minha companheira de faculdade desde o dia 0, Bruna Parrillo. Não sei como expressar sua importância durante esses quatro anos de faculdade; Bruna é um pilar de apoio, amiga leal e fonte constante de inspiração, é muita sorte te ter em minha vida! À Vitória Rosa e Juliana, que acompanharam tantos desafios do estágio e da faculdade, agradeço por estarem ao meu lado em cada passo! A todos os meus colegas bolsistas, que compartilharam comigo tantas risadas e momentos difíceis na PUC, sou grata pelas conversas animadas e pelas risadas que aliviaram o peso da rotina.

Agradeço de coração ao meu amigo Marcus Albuquerque, que me recebeu em sua casa durante a graduação e nunca mediu esforços para que São Paulo me acolhesse como um lar. A Tia Rosa e o

Seu Tuca, que se tornaram como pais para mim aqui, me deram mais do que abrigo nesses anos — deram amor, segurança, um verdadeiro lar. Jamais serei capaz de expressar toda a gratidão e amor que sinto. E à minha tia Eliúde, que, sempre que a visito, me ajuda a reencontrar a essência de quem sou e me recarrega.

Minha inteira gratidão ao meu orientador, Mauro Luiz Peron, obrigada por acreditar no meu projeto e por me motivar a persistir, pela dedicação em tirar o melhor de mim e por ter contribuído para tornar este trabalho tão especial. Também agradeço aos professores Jonnefer Barbosa e Judson Barbosa, que se dispuseram a participar da banca - vocês são muito especiais para mim!

Este documentário é fruto da confiança das pessoas que, generosamente, compartilharam seu tempo e suas experiências comigo. Este trabalho é também de vocês!

PARTE 1

MEMORIAL

Um salto no desconhecido. Aos 19 anos, bolsista do Prouni em Filosofia na PUC-SP, saí do ensino médio para viver em uma república com desconhecidos e me adaptar à vida em uma metrópole. Em meio a tantas transições, cursei alguns semestres, me apaixonei pela filosofia e pelo conceito de parresia, apresentado em aula pelo Professor Jonnefer Barbosa, que despertou em mim uma nova forma de pensar e compreender a coragem no discurso. Precisei trancar o curso devido à saúde de minha avó no Piauí, onde acabei explorando durante um semestre também a área de Medicina Veterinária.

O curso de Jornalismo foi uma reviravolta inesperada, que se deu em meio à pandemia de 2020. Com a necessidade de retornar ao Piauí, minha família me incentivou a buscar uma nova área de estudos, e foi em 2021, já matriculada, que me deixei ser abraçada pelo Jornalismo. Sempre tive afinidade com as palavras — às vezes mais como leitora do que escritora — e, no Jornalismo, vivenciei como a escrita e a comunicação são ferramentas importantes de documentação e transformação social.

Logo no início da graduação, matérias como Ética no Jornalismo, ministrada pelo professor Marcos Cripa, e História Contemporânea, com o professor Amailton Azevedo, marcaram minha formação.

Com o professor Judson Cabral, em Corpo, Cultura e Cidadania, explorei conceitos de identidade, direitos sociais e resistência, que enriqueceram minha percepção sobre a luta por dignidade e visibilidade das comunidades quilombolas. Foi essa reflexão que me levou a escolher o tema do presente trabalho: um documentário sobre a realidade do Quilombo Lagoas, no Piauí e os conflitos causados pela exploração da SRN Mineração, que se importa apenas com a riqueza subterrânea e efêmera. Já a riqueza visível – cultural, histórica e natural – é completamente ignorada. A decisão de realizá-lo em formato audiovisual foi inspirada pelas memoráveis aulas do Professor, e querido orientador, Mauro Luiz Peron, onde as discussões sobre obras cinematográficas e documentais me despertaram para as potencialidades da narrativa visual.

PARTE 2 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é evidenciar a luta do Quilombo Lagoas, localizado na histórica cidade de São Raimundo Nonato - Piauí, na defesa de seus territórios e tradições diante das ameaças impostas pela SRN Mineração. Em contraste com a apatia da mídia convencional e do jornalismo praticado pelos veículos tradicionais locais, o jornal independente *O Corre Diário* exemplifica a parresia, a coragem de expor a verdade, ao investigar a exploração de terras quilombolas no estado.

Embora a mídia tradicional busque, em teoria, a verdade dos fatos, na prática, falha ao negligenciar grupos marginalizados, como as comunidades quilombolas. A cobertura inexistente por parte dos grandes veículos silencia e invisibiliza importantes demandas sociais e políticas. O jornalismo independente, exemplificado pelo "*O Corre Diário*", assume o papel de *parresiasta*, ou seja, aquele que exerce a coragem de falar a verdade em face do poder, ao desafiar as narrativas hegemônicas que beneficiam interesses corporativos e políticos.

Ao se posicionar ao lado da resistência, o jornalismo *parresiasta* demonstra o verdadeiro papel social do jornalista: atuar como agente crítico diante das forças dominantes que sustentam políticas de exploração e exclusão. O presente trabalho busca reforçar a função do jornalismo como um instrumento de transformação social, ao denunciar as injustiças e amplificar as vozes de quem resiste, com ênfase na comunidade tradicional do Quilombo Lagoas.

2. JUSTIFICATIVA

*“Vendo a pátria pedir liberdade,
O primeiro que luta é o Piauí”*

- Hino do Piauí

Este verso do Hino do Piauí, que faz referência à sangrenta Batalha do Jenipapo, ocorrida em 13 de março de 1823, descreve uma das lutas mais significativas que se seguiram ao simbólico Grito da Independência proclamado por Dom Pedro I. O verso destaca o pioneirismo da batalha - uma das mais sangrentas - comprovada na morte de cerca de duzentos piauienses. A vitória portuguesa foi, na realidade, temporária e teve um sabor de derrota, considerando o imenso sacrifício e o sangue derramado pelos combatentes piauienses.

Sangue piauiense que corre em minhas veias e nos mais dos 5.042 quilombolas que residem no

Quilombo Lagoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022. Localizado no território da Serra da Capivara, semiárido piauiense, o Quilombo Lagoas ocupa uma área equivalente a 62.375 hectares distribuídos em 6 municípios do sudeste piauiense: São Raimundo Nonato, Fartura, Várzea Branca, Dirceu Arcoverde, São Lourenço e Bonfim. Este quilombo é composto por 119 agrupamentos, abrigando cerca de 1.500 famílias, o que o torna o maior território quilombola do país em termos de número de famílias.

Alheios de consulta prévia e com o aval da Secretaria de Meio Ambiente do Piauí, a comunidade apontada como 3ª maior população quilombola do Brasil se deparou com a invasão de suas terras pela mineradora SRN Mineração. A situação foi formalmente apresentada em Audiência Pública convocada pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí (SEMAR) em 2019, na qual a empresa apresentou os Estudos e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/Rima), que foram imediatamente rejeitados pela comunidade afetada, a qual considerou que tal proposta afrontava seus direitos.

O território Quilombo Lagoas encontra-se na área de influência direta do projeto. No entanto, o EIA/RIMA apresentado pela mineradora afirma que as áreas impactadas pela atividade de mineração "não estão inseridas em áreas de assentamentos rurais, nem há interferência de áreas indígenas e nem pertencem a territórios quilombolas" (SRN MINERAÇÃO, 2019b, p. 27). Essa alegação é incorreta, uma vez que Lagoas foi certificada como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares desde 2009 (SANTOS, 2022).

De um lado, a comunidade de Lagoas vive com apreensão. Do outro, a mineradora apresenta promessas de desenvolvimento. Para compreender esse ponto de vista, analisei o Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) do projeto. A mineradora projeta a produção de 300 mil toneladas de minério de ferro por ano e destaca investimentos de R\$ 15 milhões para a implantação de uma planta piloto. Observei como a empresa constrói uma visão da região para justificar a mineração. Os documentos retratam um cenário de estagnação econômica, descrito como uma condição desfavorável para a população local, e posicionam a exploração de minério de ferro como a solução para esse problema. Essa narrativa pode ser observada no seguinte trecho:

“Conforme o diagnóstico elaborado para a área de influência direta do empreendimento, pode-se constatar que nas condições vigentes o quadro de desenvolvimento econômico e social da região está estagnado e com poucas perspectivas de alavancagem da economia local devido a carência de empreendimentos econômicos geradores de emprego e renda na região, poucas perspectivas no setor primário devido ao clima que prevalece a escassez de chuvas o que resulta nos reduzidos índices de desenvolvimento econômicos e sociais, sendo este um cenário socialmente injusto e economicamente frágil para a região, na condição sem o projeto da SRN Mineração. Face esse cenário das últimas décadas observa-se que a região sem desenvolver o seu potencial mineral, ou seja, numa situação como está hoje, a perspectiva é de permanência de um quadro econômico e social frágil, perpetuando a pobreza das famílias que moram nas comunidades rurais da região de abrangência do projeto de mineração. (SRN MINERAÇÃO, 2019b, p.57)

Ao analisarmos os discursos que sustentaram o colonialismo — como a ideia de levar civilidade a povos considerados atrasados e impulsionar a economia por meio da exploração de recursos naturais —, é possível perceber paralelos com a argumentação apresentada no EIA/RIMA. Esses discursos podem ser compreendidos como uma forma de recolonização (SANTOS, 2019), sustentados por um forte apelo ao desenvolvimento, à modernidade e ao progresso.

Os supostos benefícios econômicos são irrisórios quando comparados à destruição cultural e territorial enfrentada pela comunidade. A produção voltada para o mercado interno e externo reflete o interesse da empresa em maximizar lucros, promete empregos e ignora outras atividades já realizadas no território quilombola, como a apicultura, que têm capacidade de gerar uma renda maior para mais pessoas em relação ao trabalho para a mineradora (SANTOS, 2022) A operação da SRN Mineração, apresentada como promissora, é, na verdade, uma ameaça ao direito à terra, à cultura e à dignidade dos quilombolas do Piauí.

Esse tema me deu a oportunidade de discutir de maneira crítica a cobertura quase inexistente sobre a invasão das terras do Quilombo Lagoas, evocando a parresia do jornalismo independente piauiense, que está imbuída em nosso sangue. Mas principalmente me deu chance de colocar em prática tudo que eu aprendi na graduação, desde questões éticas até aspectos práticos do jornalismo.

Falar sobre o Quilombo Lagoas é reconhecer que o jornalismo deve estar ao lado da resistência, enfatizando que não se trata de dar voz à comunidade — a qual já possui sua própria voz —, mas de ouvir e escutar suas demandas. A função do jornalista é, antes de tudo, assegurar a visibilidade de lutas sociais. Ao fazê-lo, expomos um problema sistêmico da sociedade brasileira: a violência, especialmente aquela perpetuada pelo Estado, seus agentes e pelo Capital.

3. METODOLOGIA

O primeiro passo para a produção deste trabalho consistiu em um estudo aprofundado sobre a invasão das terras do Quilombo Lagoas, a partir da análise de matérias do *O Corre Diário*. Realizei um levantamento minucioso das investigações aos documentos judiciais, processos e notícias que me permitiram conhecer as lideranças quilombolas, suas lutas e as dinâmicas locais, possibilitando uma compreensão mais precisa do contexto e da gravidade da situação. Essa pesquisa foi essencial para iniciar a preparação das entrevistas.

O segundo passo envolveu a identificação e o contato com as principais fontes de informação. Desde o início, reconheci que o maior desafio seria estabelecer comunicação com as lideranças quilombolas. A Associação Quilombo Lagoas e os moradores da região se tornaram minhas fontes primordiais, sendo fundamentais para relatar as ações que estavam sendo tomadas para enfrentar a invasão de suas terras. Paralelamente, procurei reunir todos os documentos apresentados em audiência pública pela mineradora SRN Holding, que buscava autorização para explorar minério de ferro na área.

Nesse contexto, também levantei notícias da época para compreender como a cobertura jornalística foi realizada e como ela impactou a comunidade quilombola. Entrevistei o jornalista responsável pela cobertura do caso, buscando saber como foi o processo de trabalho, a relação estabelecida com as lideranças e as famílias, e quais cuidados tomaram ao relatar essa história. Além disso, para enriquecer a discussão sobre a prática da parresia no jornalismo independente, entrevistei um professor de Filosofia que elucidou a importância desse conceito atualmente e sua relação com o exercício do jornalismo ético e responsável.

Por fim, foquei na análise da situação do Quilombo Lagoas, utilizando o *O Corre Diário* como fonte primordial para compreender a resistência quilombola na região. A partir das reportagens publicadas, procurei evidenciar como as lutas dos quilombolas refletem a busca por direitos territoriais e a resistência histórica a processos de exclusão. A prática da parresia, presente nas matérias do jornal, foi crucial para destacar as demandas dessa comunidade, ressaltando a urgência de reconhecimento e apoio às suas reivindicações.

Entrevistados

- **Raimundo Nonato de Souza:** Presidente da Associação Territorial Quilombo Lagoas e agricultor.
- **Cláudio Teófilo (Claudio do Quilombo):** Vice-presidente da Associação Territorial Quilombo Lagoas e agricultor.
- **Mirlene Ramos:** Professora e Secretária da Associação Territorial Quilombo Lagoas.
- **Andreolino Alves de Miranda (Seu Pindoxo):** Proprietário do Museu de Paleontologia da Comunidade Quilombo Lagoas e Agricultor.
- **Júlio de Castro:** Morador do Quilombo Lagoas e Apicultor.
- **Edivaldo dos Santos:** Morador do Quilombo Lagoas e Apicultor.
- **Dona Constantina:** Moradora do Quilombo Lagoas e Agricultora.
- **Marcelo Martins:** Morador do Quilombo Lagoas e Agricultor.
- **Luan Matheus Santana** – Jornalista e educador popular, formado pela Universidade Federal do Piauí, com mestrado em Comunicação pela mesma instituição e atualmente doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Ceará. É cofundador da plataforma O

Corre Diário, dedicada à comunicação popular e colaborativa no Piauí. Sua atuação acadêmica e prática é voltada para comunicação digital e direitos humanos, com foco no pensamento decolonial e no fortalecimento de redes de comunicação comunitária. Tem experiência em jornalismo on-line e dispositivos móveis, destacando-se pelo trabalho em prol dos direitos das comunidades marginalizadas e pelo uso da educomunicação como instrumento de transformação social.

- **Jonnefer Barbosa** – Professor de filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pesquisador em ética e filosofia política. Doutor em Filosofia pela PUC-SP, Barbosa coordena o curso de Bacharelado em Filosofia da instituição e lidera o grupo de pesquisa "Transatlântica: Rede de Estudos da Descolonização", com interesse em filosofia contemporânea e governamentalidade. Além de sua atuação docente, é pesquisador no campo de filosofia das ciências humanas, com ênfase em temas como violência, desaparecimento, e as configurações do poder e do Estado nas sociedades modernas. Sua pesquisa integra abordagens sobre a relação entre ética e políticas públicas, especialmente no contexto brasileiro e latino-americano.

4. DESAFIOS

A perda precoce de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, em 3 de dezembro de 2023, foi um momento impactante para mim. Figura emblemática da luta quilombola piauiense e do pensamento contra colonial no Brasil, ele deixou um legado de resistência, sabedoria e inspiração. Meses antes de sua partida, tive o privilégio de compartilhar com ele a ideia do meu trabalho, fui acolhida com entusiasmo, recebi incentivo para seguir com a temática e a promessa de que faríamos uma conversa pessoalmente, que infelizmente não se concretizou. Embora sua ausência seja constantemente sentida, sua obra e memória permanecem vivas e ecoam em cada parte deste trabalho e do documentário. Não há como abordar a luta quilombola piauiense sem citá-lo.

Acesso às fontes foi um dos primeiros desafios encontrados. A região do Quilombo Lagoas possui cobertura de celular e internet limitada a alguns pontos específicos, o que causava considerável demora nas respostas e dificultava o contato constante com as fontes. Essa limitação tecnológica também impactou a fluidez do planejamento, pois atrasava o agendamento de entrevistas e o acompanhamento do material de pesquisa.

Outro desafio significativo foi o deslocamento até o local. Viajei de São Paulo a Teresina e, de lá, percorri mais oito horas de carro até São Raimundo Nonato, acompanhada dos meus pais. Em seguida, fiquei hospedada na casa de uma moradora de São Vítor, cidade próxima, uma estadia viabilizada graças ao vínculo que estabeleci com ela durante as entrevistas. O deslocamento e a adaptação ao local consumiram tempo e exigiram planejamento, tanto pessoal quanto logístico, para conciliar a rotina de trabalho e pesquisa.

Além disso, marcar as entrevistas presencialmente revelou-se complexo, dada a necessidade de um contato mais direto com os moradores. Grande parte das entrevistas só foi possível graças ao trabalho de campo e à interação pessoal com a comunidade, onde bati nas portas e construí uma relação de confiança com os quilombolas. Esse processo informal de aproximação demandou bastante tempo e dedicação, mas foi essencial para garantir a autenticidade e a profundidade do conteúdo.

Durante essa viagem, trabalhei remotamente, pois não consegui folga do estágio, apenas autorização para home office. Dessa forma, precisei me desdobrar para conciliar visitas à comunidade e entrevistas, com a carga de trabalho de 8 horas diárias.

A entrevista com o jornalista Luan Matheus Santana tornou-se um dos maiores desafios do projeto, estendendo-se por cerca de seis meses devido a desencontros de agendas, especialmente durante minha estadia no Piauí. Esse atraso levou à realização da entrevista em formato online, via Google Meet, uma adaptação necessária para garantir a presença dessa fonte essencial ao projeto.

A decupagem das entrevistas foi também um dos processos mais trabalhosos, algumas entrevistas ultrapassaram uma hora de duração. Revisar e editar esse material foi um trabalho contínuo e intenso. Esse desafio se somou ao fato de que, neste mesmo período, ingressei no meu primeiro emprego com carteira assinada, o que demandou grande parte do meu tempo e exigiu um equilíbrio entre as demandas profissionais e o projeto acadêmico.

5. BREVE RESUMO SOBRE O QUILOMBO LAGOAS

*“Nós extraímos os frutos nas árvores...
Eles expropriam as árvores dos frutos!
Nós extraímos os animais na mata...
Eles expropriam a mata dos animais!
Nós extraímos os peixes nos rios...
Eles expropriam os rios dos peixes!
Nós extraímos a brisa no vento...
Eles expropriam o vento da brisa!
Nós extraímos o calor no fogo...
Eles expropriam o fogo do calor!
Eles expropriam o fogo do calor!
Nós extraímos a vida na terra...
Eles expropriam a terra da vida!”*

“Aquilombe-se” - Nego Bispo (in memoriam)

No contexto histórico do Piauí, marcado pela invisibilidade negra e pelas dinâmicas do colonialismo, o território foi por muito tempo tratado pelos colonizadores como "terra de ninguém", apesar de habitado por vários povos indígenas, a perspectiva eurocêntrica considerava que esses grupos não exerciam domínio sobre a região, o que justificava, aos olhos dos portugueses, sua apropriação e exploração. Essa concepção negligenciava a organização própria desses povos e o profundo vínculo que tinham com suas terras (BRANDÃO, 1999).

Apesar de não haver registros claros sobre a formação de quilombos no Piauí ser decorrentes de fugas de pessoas escravizadas, é amplamente reconhecido pelos historiadores que, em diferentes partes do Brasil, a resistência dos escravizados frequentemente se manifestava em formas de desobediência e fugas, levando à criação de quilombos. Beatriz Nascimento (2018) argumenta que essas formações não eram meramente atos de resistência contra o sistema escravocrata, mas movimentos de caráter libertário e de afirmação racial e cultural. Segundo ela, os quilombos representavam a reorganização social voluntária e autônoma, distinta das estruturas arbitrariamente

impostas pelo colonizador, e simbolizavam a necessidade humana de viver em liberdade e preservar suas tradições culturais.

No caso específico do Quilombo Lagoas, situado na microrregião de São Raimundo Nonato, a relação com a terra é profundamente enraizada na geografia local, especialmente em torno das lagoas que marcam a paisagem. Segundo a antropóloga Ana Tereza Faria, as comunidades negras historicamente se estabeleceram em áreas próximas a pequenas aguadas – depressões naturais que acumulam água durante a estação chuvosa. Essas lagoas eram importantes para a subsistência das comunidades e de seus animais, além de influenciar a nomeação dos territórios, evidenciando um rico vínculo com a paisagem (FARIA, 2016). A região abriga dezenas de localidades cujo nome carrega a presença das lagoas.

Lagoa Grande, Lagoa do Calango, Lagoa dos Bois, Lagoa de São Victor, Lagoa de Dentro, Lagoa dos Canudos, Lagoa da Gameleira, Lagoa do Angico, Lagoa do Serrote, Lagoa do Umbuzeiro, Lagoa dos Queixadas, Lagoa da Gameleira, Lagoa do Travessão, Lagoa dos Meninos, Lagoa do Mulungu, Lagoa do Cipó, Lagoa do Mocó, Lagoa da Pedra, Lagoa do Jacaré, Lagoa do Riacho, Lagoa dos Currais, Lagoa dos Prazeres, Lagoa Rasa, Lagoa das Caraíbas, Lagoa das Cascas, Lagoa da Vaca, Lagoa dos Tobões, Lagoa do Amaro, Lagoa do Capim, Lagoa dos Porcos, Lagoa do Pompilho, Lagoa da Gangorra, Lagoa da Taboa, Lagoa dos Torrões, Lagoa do Germano, Lagoa das Emas, Lagoa do Encanto, Lagoa do Mel, Lagoa dos Martins, Lagoa dos Moisés, Lagoa das Pombas, Lagoas, Lagoa dos Soares, Lagoa dos Raimundos, Lagoa do Peixe, Lagoa Ruim, Lagoa do Gato, Lagoa do Calixto, Lagoa do Gado Corredor, Lagoa das Caraíbas (Lindjonson), Lagoa Nova, Lagoa do Boi, Lagoa das Flores, Lagoa da Firmeza, Lagoa do Cansanção, Lagoa da Onça, Lagoa dos Torrões, Lagoa do Preá (FARIA, 2016, p. 7)

Esses nomes não são apenas descritivos, mas revelam a centralidade das águas na vida e na memória coletiva das comunidades locais.

Em 2008, a comunidade Lagoas autodeclarou-se como remanescente quilombola e, no ano seguinte, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares, sendo incluída no Livro de Cadastro Geral. No entanto, a ausência de titulação mantém a comunidade em uma situação vulnerável, sujeita a conflitos fundiários e à constante ameaça de exploração ambiental.

Em 2019, a SRN Mineração recebeu uma licença prévia da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí (Semar) para realizar pesquisas de minério de ferro em São Raimundo Nonato, apresentando o Estudo de Impacto Ambiental (EIA/Rima) que ignorava o reconhecimento oficial do território quilombola. O estudo omitiu o certificado expedido pela Fundação Cultural Palmares em 2009 e o processo de demarcação conduzido pelo INCRA.

Enquanto a mineradora enxerga na terra apenas uma fonte de riqueza mineral finita, ao extrair do solo sua riqueza mineral, os quilombolas lagoanos percebem no território algo muito mais profundo: o vínculo sagrado, impregnado de história, memória e vida. Para os eles, a terra transcende o valor econômico, sendo lar, cultura, sustento e um legado para as futuras gerações. Como alertou Nego Bispo: “Nós extraímos a vida na terra... Eles expropriam a terra da vida!”. Essa luta não se limita à preservação ambiental, mas reflete a resistência contra a lógica exploratória do lucro a qualquer custo. A terra não é uma riqueza que se esgota, mas a fonte inesgotável de identidade, dignidade e autonomia.

O conceito que orientou no desenvolvimento deste trabalho foi a noção de parresia, discutido por Michel Foucault no livro *A Coragem da Verdade*. Foucault define a parresia como uma prática que requer coragem para se dizer a verdade (Foucault, 2011) que envolve também o dizer a verdade sobre si mesmo (Foucault, 2022), especialmente em contextos políticos e democráticos. Essa coragem envolve o compromisso de falar a verdade de maneira honesta, sem esconder nada, e tem um impacto profundo tanto para quem fala quanto para quem escuta (Foucault, 2011). Como Foucault destaca, a parresia não é apenas uma disposição mental, mas uma prática com fins úteis e indispensáveis para a coletividade, a parresia “é, primeiro, fundamentalmente, uma noção política” (Foucault, 2011), tratando-se de relações de poder.

Nem todos possuem o mesmo poder de fala. Muitas vezes, a voz daqueles que questionam ou resistem ao poder dominante é silenciada para preservar as estruturas vigentes (FOUCAULT, 2008, p. 17). O mini documentário "Terra e Tradição" não se limita a apresentar a realidade dos quilombolas do Piauí, mas destaca o protagonismo dessas comunidades na contação de suas próprias histórias.

Dar escuta àqueles que vivem e conhecem profundamente suas trajetórias, é fundamental. Quando as comunidades quilombolas narram suas experiências, lutas e vitórias, falam com a propriedade de quem vivencia o território, a cultura, as dores e as alegrias. Por isso, optei por não utilizar narração em *off* ou entrevistas com representantes da mineradora, priorizando a perspectiva genuína dos quilombolas.

A luta pela verdade e pela justiça no Quilombo Lagoas, documentada pelo “*O Corre Diário*” ecoa a ideia de parresia. Discutir o jornalismo *parresiasta* é abordar a coerência entre verdade, ética e posicionamento político. A verdade *parresiasta* exige coragem para assumir posições claras e autênticas. O jornalista ideal é aquele de “fala franca”, que se compromete em dizer a verdade. Esse papel é bem representado pelo “*O Corre Diário*”, que une forças à luta quilombola e de tantas outras comunidades piauienses, enfrentando estruturas de poder que tentam subtrair seus direitos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Juçara da Silva; SILVA, Judson Jorge. **Um olhar geográfico sobre o Território Quilombola Lagoas: Caracterização socioeconômica da Comunidade São Vitor** – São Raimundo Nonato – PI. In: Reunião Regional da SBPC em São Raimundo Nonato, São Raimundo Nonato, 2016.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí: perspectivas do século XVIII**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CARNEIRO, Andréa Flávia Tenório; AYALA, Caroline; CANTANHEDE FILHO, Aniceto. **Incra e os desafios para regularização dos territórios quilombolas: algumas experiências**. Brasília: MDA/Incra, 2006.

CHAGAS, M. F. **A política do reconhecimento dos "remanescentes das comunidades dos quilombos"**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 7, n. 15, 2001.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 nov. 2024.

CPT. **Conflitos no Campo - Brasil. A Comissão Pastoral da Terra**. Goiânia: Expressão Popular, 2017.

FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. **Distribuição espacial das comunidades de quilombo e suas relações com o ambiente**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros II: o curso do Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Bernardo. **Questões postas ao território: mineração e comunidades produtoras em São Raimundo Nonato**. In: OLIVEIRA, Lúcia; FLORES, Fulvio (orgs.). **Desenvolvimento Territorial: experiências, articulações e práticas educativas**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

MAGESTE, Leandro Elias Canaan. **Projeto de Extensão Museu Integral da Comunidade de São Vitor: diálogos entre Memória Social, Multivocalidade e Experimentação Museológica**. Petrolina: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2015.

MALERBA, Julianna. **Mineração e questão agrária: as configurações da luta pela terra quando a disputa pelo solo se dá a partir do subsolo**. Comissão Pastoral da Terra. Goiânia, 2015.

MONGABAY. **Mineração ameaça produção de mel do maior quilombo da Caatinga**. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2024/09/mineracao-ameaca-producao-de-mel-do-maior-quilombo-da-caatinga/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **A contribuição dos quilombos à formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Emanuel Jardel Alves. **"É o sonho da gente indo embora!": relações territoriais e a reivindicação existencial da comunidade quilombola Lagoas-PI (2005-2014)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

O CORRE DIÁRIO. **Após mobilização do território quilombola Lagoas, Semar suspende audiência**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/apos-mobilizacao-do-territorio-quilombola-lagoas-semar-suspende-audiencia/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Em entrevista exclusiva, quilombolas atingidos pela mineração no Piauí afirmam que a exploração “não vale o lucro”**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/em-entrevista-exclusiva-quilombolas-atingidos-pela-mineracao-no-piaui-afirmam-que-a-exploracao-nao-vale-o-lucro/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Entidades contestam audiências de Semarh para liberar mineração em quilombo**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/entidades-contestam-audiencias-de-semarh-para-liberar-mineracao-em-quilombo/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Mineração ameaça destruir maior quilombo do Nordeste**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/mineracao-ameaca-destruir-maior-quilombo-do-nordeste/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Quilombolas denunciam que mineradora tem Semarh como aliada para obter licenças; audiências iniciam nesta terça (16)**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/quilombolas-denunciam-que-mineradora-tem-semarh-como-aliada-para-obter-licencas-audiencias-iniciam-nesta-terca-16/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Semar omite existência do maior quilombo do Nordeste para beneficiar mineração no Piauí**. Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/semar-omite-existencia-do-maior-quilombo-do-nordeste-para-beneficiar-mineracao-no-piaui/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Selo orgânico e agroflorestas: a experiência que está transformando quintais quilombolas no Piauí.** Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/selo-organico-e-agroflorestas-a-experiencia-que-esta-transformando-quintais-quilombolas-no-piaui/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O CORRE DIÁRIO. **Sociedade civil barra mineração na Conferência de Meio Ambiente em SRN e elege dois delegados.** Disponível em: <https://ocorrediariorio.org/sociedade-civil-barra-mineracao-na-conferencia-de-meio-ambiente-em-srn-e-elege-dois-delegados/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significados.** Brasília: COMEPI, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significados.** Brasília: Ayô, 2ª edição, 2019

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Quilombos, modos e significados.** Teresina: Editora COMEPI, 2007.

SANTOS, Eduardo Rodrigues. **“O futuro do mundo está no mato”: conexões entre o Quilombo Lagoas e a terra.** 2022. 168 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SOUSA, M. S. R. de; SANTOS, J. J. F. **Territorialidade quilombola e trabalho: relação não dicotômica cultura e natureza.** In: Revista Katalysis, v. 22, p. 201, 2019.

SRN MINERAÇÃO. **Estudo de Impacto Ambiental da Extração e Beneficiamento de Ferro Magnetítico.** Teresina: WR - Consultoria e Planejamento, 2019a.

SRN MINERAÇÃO. **Relatório de Impacto Ambiental da Extração e Beneficiamento de Ferro Magnetítico.** Teresina: WR - Consultoria e Planejamento, 2019b.

VIEIRA, Bruno Vitor Farias. **“Era no tempo do coronel...”eu não concordo muito com isso não!**” **Arqueologia Pública e interpretações colaborativas sobre a “Fazenda de São Victor”**, Piauí. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.